

PERÍODO LETIVO EXCEPCIONAL – UMA INICIATIVA DE INSERÇÃO DO ENSINO HÍBRIDO***EXCEPTIONAL LETTER TIME - AN INITIATIVE FOR THE INSERT OF BLENDED LEARNING******PERÍODO EXCEPCIONAL DE LA CARTA - UNA INICIATIVA PARA EL INSERTO DE LA EDUCACIÓN HÍBRIDA***

Mayara Teles Viveiros de LIRA¹
Lílian Kelly de Almeida Figueiredo VOSS²
Andrea Valesca Almeida VIEIRA³

RESUMO: Nesta investigação nos dedicamos a refletir sobre as características do desenvolvimento do ensino híbrido que foram evidenciadas nas aulas não presenciais do período letivo excepcional (PLE), as práticas de ensino e aprendizagem que, diante do aparecimento da pandemia da COVID-19, têm sido praticadas por diferentes setores educacionais. Tomamos como base, uma perspectiva teórica que se adorna as ideias de Martins (2016) e Virgem (2016). Nessa direção objetivamos apresentar as condições educacionais da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Campus do Sertão e a influência das aulas não presenciais, que tornaram a residência a própria sala de aula dos estudantes, que por sua vez elevam a efervescência para o estímulo e fixação da atenção dos alunos em tempos de isolamento social. Apresentamos a etnografia virtual como uma das possibilidades curriculares que preservam a iniciação da pesquisa nos espaços virtuais e compõe o campo dos processos formativos da docência no momento pandêmico. Os principais resultados obtidos foram a confirmação a partir das narrativas dos alunos, relatando o êxito das metodologias/estratégias utilizadas, bem como verificação do engajamento e participação ativa dos estudantes nas aulas síncronas e assíncronas, após alinhamento entre a estruturação do material didático utilizado e o espaço de estudo dos alunos.

Palavras-chave: Ensino Híbrido. Pandemia. Período letivo excepcional.

Abstract: *In this investigation, we dedicate ourselves to reflect on the characteristics of the development of hybrid education that were evidenced in the non-classroom classes of the exceptional academic period (PLE), the teaching and learning practices that, in the face of the appearance of the pandemic of COVID-19, have been practiced by different educational sectors. We take as a basis, a theoretical perspective that adorns the ideas of Martins (2016) and Virgem (2016). In this direction, we aim to present the educational conditions of the Federal University of Alagoas (UFAL), Campus do Sertão and the influence of non-face-to-face classes, which made the residence the students'*

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas. Campus A. C. Simões – Maceió / Alagoas, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3009-9166>. E-mail: mayara.lira@cedu.ufal.br

² Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas. Campus A. C. Simões – Maceió / Alagoas, Brasil. Coordenadora e docente do Curso de Pedagogia – UFAL/SERTÃO, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1695-3637>. E-mail: lillian.figueiredo@delmiro.ufal.br

³ Master em Arquitetura e *lighting* pelo Instituto de Pós-graduação e graduação IPOG – Maceió / Alagoas, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5429-4110>. E-mail: andrea@avaarquitetura.com

own classroom, which in turn elevates the effervescence for the stimulus and fixing students' attention in times of social isolation. We present virtual ethnography as one of the curricular possibilities that preserve the initiation of research in virtual spaces and make up the field of teaching training processes in the pandemic moment. The main results obtained were confirmation from the students' narratives, reporting the success of the methodologies / strategies used, as well as verification of the students' engagement and active participation in synchronous and asynchronous classes after alignment between the structuring of the didactic material used and the space of students' study.

Keywords: *Hybrid Education. Pandemic. Exceptional term*

RESUMEN: *En esta investigación, nos dedicamos a reflexionar sobre las características del desarrollo de la educación híbrida que se evidenciaron en las clases no presenciales del período académico excepcional (PLE), las prácticas de enseñanza y aprendizaje que, ante la aparición de la pandemia de COVID-19, han sido practicadas por diferentes sectores educativos. Tomamos como base, una perspectiva teórica que adorna las ideas de Martins (2016) y Virgem (2016). En esta dirección, pretendemos presentar las condiciones educativas de la Universidad Federal de Alagoas (UFAL), Campus do Sertão y la influencia de las clases no presenciales, que hicieron de la residencia el aula propia de los estudiantes, que a su vez eleva la efervescencia por el estímulo y fija la atención de los estudiantes en momentos de aislamiento social. Presentamos la etnografía virtual como una de las posibilidades curriculares que preservan el inicio de la investigación en los espacios virtuales y conforman el campo de los procesos de formación docente en el momento pandémico. Los principales resultados obtenidos fueron la confirmación de las narrativas de los estudiantes, reportando el éxito de las metodologías / estrategias utilizadas, así como la verificación del compromiso y participación activa de los estudiantes en las clases sincrónicas y asincrónicas luego de la alineación entre la estructuración del material didáctico utilizado y el espacio de estudio de los estudiantes.*

Palabras clave: *Educación Híbrida. Pandemia. Plazo excepcional.*

Introdução

Em tempos pandêmicos, escrever e discutir sobre o significado do vírus da COVID-19⁴ têm sido uma constante em vários setores da sociedade. No setor educacional vimos as instituições preocupadas em como continuar desenvolvendo o vínculo com o alunado a partir de um distanciamento social, impetrado pela condição sanitária de saúde.

⁴ De acordo com o Ministério da Saúde, o vírus da Covid-19, prolifera um alto grau de contágio, sendo uma doença respiratória causada pelo coronavírus (Sars-Cov-2). A descoberta do novo agente se deu em 31/12/19, após casos registrados na China. Alguns estudos, sobretudo, os apresentados pela Organização Mundial de Saúde (OMS), as pessoas infectadas podem ser assintomáticas e/ou apresentar dificuldades respiratórias, necessitando de atendimento hospitalar, e, também passar por processo de internação. Disponível em < <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca> >. Acesso em 10 nov. 2020.

A cada mês que se passava, a rapidez com que o vírus se disseminava deixava o “mundo” mais preocupado com as nuances sociais, econômicas, políticas, educacionais.

Os diferentes sintomas advindos da COVID-19 em seus casos mais graves, além dos altos índices de óbitos, deixaram os médicos, principalmente os especialistas em infectologia focados em alertar a população mundial sobre os cuidados e prevenções necessários para tentar dirimir a disseminação e até amenizar os efeitos colaterais da doença nas pessoas.

Assim como nos países mais atingidos, que consideraram o *lockdown* como a maneira mais eficaz de controlar a propagação da doença, o Brasil publicou decretos, e, Estados e municípios aderiram a quarentena e o distanciamento social como medida adequada para combater o vírus, assim como a paralisação integral de serviços não essenciais. Desta forma, o objetivo foi de proteger e controlar o fluxo de pessoas, para então, diminuir o contágio e o risco de elevação dos óbitos, que estavam assustadoramente em alto nível de crescimento.

Diante dessas determinações vimos comércios e serviços fecharem, uns se reinventaram, outros não reabriram mais, instituições de ensino com suas aulas presenciais suspensas, se resignificando e adaptando/personalizando ao currículo, novos contornos de trabalho, de comunicação, interação, ensino e aprendizagem. Importa frisar que o ano de 2020 para a educação determinou um momento de profunda revolução, sobretudo, a destacar a inserção das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), com suas distintas metodologias, evitando a total interrupção das atividades letivas.

As instituições de ensino perceberam que, além de o ambiente escolar e acadêmico serem a própria representação da sociedade, utilizar as TDIC no contexto educacional, seja ele infantil, fundamental, ensino médio, Educação de Jovens e Adultos (EJA) ou superior, produz estímulos que podem promover o aprendizado, a interação social e a criatividade. Nessa perspectiva as autoras Santos e Costa (2018) afirmam que as TIDC representam, a partir de uma visão teórico-metodológica, ferramentas que auxiliam e potencializam a aprendizagem dos alunos.

Com base em Virgem (2016, p. 130), as TDIC trazem grande agilidade na construção de saberes, como também dos “métodos e no compartilhamento de informações, alterando o modo de pensar, agir e na aprendizagem de forma significativa de todos os participantes, bem como alterando o contexto sociopolítico e cultural e por ele sendo aprimoradas”, sendo percebido com maior ênfase no ambiente educacional.

Coadunando com Brown e Chrispino (2017), que sugeriam uma maior atenção para as atividades de sala de aula, explicando que está cada vez mais difícil conquistar a atenção e envolvimento dos alunos por conta das TDIC, consideremos que, em caráter pandêmico há a iminência de chamar mais atenção desses, pois a elevação do uso das tecnologias aumentou consideravelmente, tanto para estudar, quanto para entreter.

Ao inferir a aglutinação do uso das tecnologias à prática docente, a autora Martins (2016) acredita que essa integração acontece em uma sequência: exposição, adoção, adaptação, apropriação e inovação. Valente (2014) em consonância com os autores, afirma que as TDIC criam meio e condições para alterar concepções teóricas, abordagens pedagógicas, finalidades e os processos de avaliação como aspectos que contribuem para o desenvolvimento das aprendizagens dos alunos.

Essas condições quando aperfeiçoadas e realinhadas em nível de intencionalidade pedagógica podem ser desenvolvidas por meio das tecnologias com base no ensino híbrido (EH) que, por exemplo, possibilita a mistura entre os espaços presenciais e on-line de maneira a desenvolver uma participação ativa do aluno no processo da construção de suas aprendizagens como explica Moran (2017) e nessa direção o EH se torna uma metodologia possível dentro dos distintos ambientes educacionais.

Em se tratando da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) em meio a situação pandêmica implementou algumas legislações com a finalidade de ofertar e regularizar as possíveis formas do trabalho não presencial. Destaca-se a Resolução N°. 34/2020-Consuni/UFAL, de 08 de setembro de 2020, que:

Implementa O Período Letivo Excepcional (PLE) Para Os Cursos De Graduação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Regulamenta Atividades Acadêmicas Não Presenciais (AANPs) Durante a Pandemia do Novo Coronavírus (Sars-Cov-2), e dá outras Providências (p. 1).

Nessa direção, foram ainda estabelecidos no 9º Artigo, da mesma resolução, orientações para organização didático-pedagógica das aulas com o objetivo de padronizar, organizar e tornar acessível ao aluno a estrutura da disciplina trabalho de forma não presencial, seguem os requisitos:

I – Material didático desenvolvido por instituições de educação superior e que seja acessível ao público; II – Acervo digital e objetos de ensino e aprendizagem disponíveis em repositórios educacionais;

III – Materiais digitais em formatos diversos, tais como e-books, vídeos, livros, artigos, sites acadêmicos; IV – Material disponível em plataformas de Cursos Massivos Abertos e On-line (MOOCs, sigla referente ao termo original em inglês Massive Open Online Courses); V – Acervo digital disponível em repositórios de Recursos Educacionais Abertos (REA) (p. 5).

Em meio as adequações, também foi orientado tanto aos professores como alunos as quais seriam as plataformas utilizadas com destaque no AVA/*Moodle* da UFAL, SIGAA, Plataforma *Google Meet* para a realização das aulas síncronas entre outros que foram sendo definidos de acordo com a necessidade e alcance do público-alvo.

A Resolução Nº. 34/2020-Consuni/UFAL, de 08 de setembro de 2020, traz igualmente orientações acerca do, que foi intitulado, Atividades Acadêmicas Não Presenciais (AANPs), como: aulas, avaliações, matrículas, calendário, Atividades Curriculares Complementares (ACCs), bem como o rendimento acadêmico como frequência, relatório de atividades, processo avaliativo e notas.

A partir destas inquietações e reflexões objetivamos identificar quais os efeitos do PLE e a inserção do ensino não presencial no curso de pedagogia da UFAL - Campus do Sertão? O principal objetivo é apresentar os dados quais sejam: imagens dos materiais utilizados nas aulas e a narrativa dos alunos postadas no AVA/*Moodle* da disciplina como forma de refletir acerca dos efeitos que se aproximam do EH e da influência dos espaços no processo de aprendizagem. Em se tratando do percurso metodológico tivemos base numa pesquisa de natureza qualitativa, com enfoque etnográfico virtual, e, como técnica de coleta de dados tivemos base na observação *in lócus* por amostragem.

Dentro dos resultados esperados destacamos a partir da narrativa dos alunos que a oferta da disciplina “Educação a distância, mídias e didática on-line”, com carga horária de 56h, que ficou disponível no AVA/*Moodle* da UFAL- Campus do Sertão, a partir do período de outubro a dezembro de 2020, organizada em 11 semanas, em conformidade com as diretrizes da Resolução de Nº 34/2020 – CONSUNI/UFAL, de 08 de setembro de 2020, que dispôs da implementação do PLE favoreceu a aprendizagem mesmo em tempos de isolamento social.

O processo metodológico em momento pandêmico

O estudo em questão teve como foco a abordagem predominantemente qualitativa. Quanto aos objetivos realizou-se a pesquisa etnográfica virtual, que de acordo com Hine (2000 e 2005) e Angrosino (2009) é um estudo realizado pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas; associadas de alguma maneira, unidade social representativa para estudo; emprego de variedade de métodos e técnicas qualitativas; elaboração dos resultados da pesquisa de forma descritiva; presença constante do etnógrafo no AVA convergindo para a triangulação dos dados.

Segundo Mercado (2012), os espaços virtuais oferecem a vantagem do trabalho diferenciado a partir do acesso às ferramentas on-line, e acrescenta que, tanto os informantes como o etnógrafo podem ou não estar presentes on-line ao mesmo tempo de maneira que possam se desprender ou se mover a partir das diferentes visões espaciais e temporais. Como técnica de coleta de dados utilizamos a observação *in lócus*, tanto relacionando a interação nas aulas síncronas como das narrativas presentes no AVA/Moodle da disciplina.

O *lócus* da pesquisa se deu no AVA/Moodle da UFAL- Sertão , no qual foi ofertado a disciplina eletiva: Educação a distância, mídias e didática on-line, com carga horária de 56h. O período de realização foi de outubro a dezembro de 2020, organizada em 11 semanas, respeitando as diretrizes da Resolução de Nº 34/2020 – CONSUNI/UFAL, de 08 de setembro de 2020. Matricularam-se na disciplina cerca de 44 alunos, tendo como concluintes um total de 35 alunos.

As aulas foram ministradas respeitando as orientações previstas na resolução. Como organização assíncrona foram utilizados o AVA/Moodle para realização do lançamento do Plano de Ensino e todo o roteiro de organização das aulas. No AVA/Moodle ainda foram inseridos os materiais de leituras, abertos os fóruns de interações e a entrega das tarefas/materiais solicitados. Além do AVA contamos com as interações síncronas (em tempo real), realizadas e gravadas através *google meet*, como meio de exposição e discussão dos conteúdos dialogados, as apresentações dos seminários, interação aluno-professor-aluno, bem como parte do processo avaliativo. A disciplina contou com uma professora responsável e as demais convidadas a ministrarem aula sobre as especificidades de temas inseridos no plano de ensino, a partir de suas experiências.

A escolha das falas inseridas na pesquisa, aconteceu por ordem de atividades, estas, por sua vez, estavam disponibilizadas no AVA/Moodle, na ferramenta fórum de

discussão. Utilizamos como critérios de inclusão considerar as narrativas (falas dos sujeitos participantes) que faziam destaque ao EH, este por sua vez foi o grande motivo da escolha/decisão teórica para identificação dos aspectos do EH dentro de uma disciplina ofertada sem momentos presenciais, a avaliação desse formato de aulas síncronas e assíncronas e interação com discussões acerca dos conceitos apresentados nos momentos síncronos.

Dentre estes, destacamos os critérios de exclusão: não relação com o processo de reflexão sobre as aulas ofertadas neste formato do PLE, ausência de autoavaliação e/ou descrição da participação/interação nos momentos síncronos, ausência de comentários relacionando o material didático utilizado e/ou sugerido.

Identificamos que o benefício deste estudo é verificar os efeitos da experiência com a realização de aulas não presenciais apresentando características do EH, conforme a descrição dos sujeitos pesquisados, na sala de aula do curso de Pedagogia da UFAL - Campus do Sertão, bem como os traços narrativos sobre o alcance em se tratando do processo de aprendizagem.

Realizou-se o levantamento por amostragem que Sampiere (2013, p. 403) define como um “processo qualitativo realizado com um grupo de pessoas, eventos, acontecimentos, comunidades, etc”, de maneira que represente um universo ou população estudada sendo determinada pelo fenômeno da pandemia da COVID-19 que tem gerado isolamento social.

Contudo, como define Chizzotti (2001, p. 84), “todas as pessoas que participam da pesquisa são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam”, não obstante, os sujeitos pesquisados se tornam autores de um significativo conhecimento, elevado pela “reflexão coletiva ao conhecimento crítico”.

Salienta-se que foi orientado aos 35 participantes toda a característica do estudo e os termos de confidencialidade, explicando que àqueles que aceitarem estão automaticamente deliberando que os resultados da pesquisa pudessem ser publicados em revistas científicas ou publicações gerais. No entanto, as informações relativas à sua participação seriam mantidas em sigilo.

Ensino Híbrido e suas contribuições necessárias

Diversos *webinários*, *lives*, palestras, seminários ofertados em plataformas digitais contribuíram para que a significação do EH ou *Blended Learning (B-learning)* fosse disseminado e conhecido. Esse tipo de ensino, como assegura Valente (2014), é utilizado nos Estados unidos e Canadá, tanto na educação infantil, quanto na educação superior. Como o autor referenciado, pesquisadoras brasileiras se destacam em suas pesquisas sobre EH: Bacich (2015), Santos (2018), Virgem (2016) e Martins (2016).

No livro organizado por Bacich (2015), conta uma categorização do EH a partir da mistura das modalidades gerando um ensino disruptivo e personalizado que pode ser implementado nos diferentes níveis educacionais dependendo, em linhas gerais da intencionalidade pedagógica aplicada e alinhada ao planejamento e avaliação do processo.

Para Santos (2018), o EH apresenta flexibilidade pedagógica fundamental para a construção do conhecimento, Virgem (2016) acrescenta que essa metodologia representa um sistema democrático para desenvolver saberes, de maneira complementar. Martins (2016) explica que esse modelo de ensino possibilita aprender e ensinar de forma variada, facilitando a autonomia e a personalização do ensino, além de promover a formação de conceitos.

A autora argumenta ainda que além da personalização do ensino, o aluno se torna mais engajado, organizando a sua própria estratégia de aprendizado dividindo-se entre momentos presenciais e não presenciais, porém orientados como uma estrutura em espiral, tornando-se etapa necessária para o ciclo de aprendizagem nesse modelo.

Essa personalização pode ser observada ao longo das discussões na disciplina: Educação a distância, mídias e didática on-line, na qual se utilizou o EH para a realização das atividades. A disciplina foi ofertada no PLE, de outubro a dezembro de 2020. As falas pertinentes dos alunos simbolizam as características do EH defendidas por estudiosos, a exemplo:

O hibridismo faz parte da nossa realidade. A pandemia teve forte influência para isso ocorrer. E assim, enquanto professores devemos está cada vez mais preparados para esse novo contexto e adapta-se. As nossas crianças tendem à vivenciar um ensino tanto virtual quanto presencial, pois com a pandemia eles já tiveram que deixar o presencial para viver o virtual, então esses dois tipos de ensino já fazem parte do repertório e modalidade de ensino de muitas crianças e adolescentes. Desse modo, o hibridismo concorre para fazer parte da nossa realidade local e social (Participante 6, 2020).

O hibridismo, apesar de já existir a algum tempo, não era tão praticado nas escolas (principalmente na de nível público), era só considerado uma metodologia que a escola e os docentes poderiam utilizar ou não. Mas, agora, tornou-se uma realidade assídua e veemente em nossa sociedade, na comunidade escolar, profissional, técnica (Participante 8, 2020).

O atual momento que estamos vivenciando requer novas adaptações em todos os setores da sociedade e no setor educacional não é diferente. Desta forma, o ensino híbrido é uma das metodologias ativas com maior potencial para promover essa adaptação das instituições de ensino (todos os níveis) ao **novo normal** (grifo nosso) que nos espera nos próximos anos, visto que ele apresenta vários modelos (sala de aula invertida, híbrido colaborativo síncrono, suplementar, entre outros) proporcionando aos docentes e discentes escolherem o que mais se adequa a sua realidade (Participante 9, 2020).

A partir das falas, eis a afirmação de Moran (2017), que nos assegura que a aprendizagem ativa é vista como oportunidade para desenvolver no aluno seu papel de protagonista, uma vez que propicia seu envolvimento direto, reflexivo e participativo, levando-o a experimentar, criar, desenvolver e misturar o compartilhamento de espaços, atividades, materiais, tecnologias e tempo por meio de um processo ativo e flexível.

Moran (2017, p. 01) enfatiza ainda que “o modelo *blended*, semipresencial, misturado, em que reunimos de várias formas – física e digital – em grupos e momentos diferentes, de acordo com a necessidade, com muita flexibilidade, sem os horários rígidos e planejamento engessado”, possibilitam juntos e em maior escala a aprendizagem ativa do aluno.

Brown e Chrispino (2017, p. 08) consideram que essas metodologias ativas e alternativas, quando articuladas em sala “permitem ainda que os alunos tenham a oportunidade de solucionar problemas, identificar, suprimir ideias e de formular questões sobre os temas discutidos, juntamente com seus colegas de turma e com o professor facilitador”, e sugere que assim o professor exercerá sua função de mediador em sala de aula.

Percebe-se a partir de Valente (2014) que o *B-learning* em sua proposta formal mescla momentos presenciais com on-line podendo interagir com os conteúdos no grupo, com o professor ou mesmo em ambiente virtual de aprendizagem (AVA). O autor destaca ainda que as atividades on-line devem ser controladas e programadas ao que se referem às datas de execução e aos prováveis grupos que serão organizados.

Diante da organização e estruturação que Valente (2014) descreve de maneira inicial, os autores Christensen, Horn e Staker (2013), disponibilizam o modelo para identificar se a metodologia de ensino aplicada está efetivamente incorporada à Zona Híbrida de Ensino (ZDE), para isso, descreve o modelo de rotação e suas subcategorias. No modelo de rotação pode haver atividade on-line mesclada com a presencial, seja por meio das disciplinas ou pela realização de pequenos grupos, turmas inteiras, tutoria individual ou trabalhos escritos.

Segundo os autores, as subcategorias são: a) rotação por estações na qual os alunos revezam dentro de sala; b) laboratório rotacional o qual ocorre tanto na sala de aula como no laboratório; c) sala de aula invertida que ocorre sob a supervisão do professor na sala de aula presencial e na mediação dos conteúdos on-line; d) rotação individual, nessa cada aluno tem roteiro individual e não participa necessariamente das outras estações-propostas e por esse motivo não faz parte da ZHE, conforme se visualiza imagem a seguir:

Figura 01 - Zona Híbrida de Ensino



Fonte: Christensen; Horn e Staker, 2013

Vale salientar que, diante das subcategorias apresentadas, os encontros presenciais não foram realizados no campo da Educação em detrimento do distanciamento necessário em virtude da Pandemia da COVID-19.

Os modelos Flex, A La Carte e Virtual Enriquecido não integram a ZHE por direcionarem às atividades essencialmente on-line e por esse motivo não mesclam as

estações-vivências presenciais ou as escolas tradicionais, ou seja, não dependem do espaço físico da sala de aula como indicadas na imagem.

Em vista disso, o ensino híbrido está sendo apresentado pelos autores Bacich (2015) Santos (2018), Virgem (2016), Martins (2016), Moran (2017), Brown e Chrispino (2017), Valente (2014), Christensen, Horn e Staker (2013) como uma metodologia que indica melhoria dentro das salas de aulas convencionais presenciais a partir da utilização das TDIC a favor do trabalho docente para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos.

O ambiente mais comum dos registros das experiências desses autores com o EH vem ocorrendo no ensino superior nos cursos de formação inicial e de formação continuada dos professores universitários, o grande desafio passa a ser o desenvolvimento dessa metodologia na educação básica, em especial, em tempos pandêmicos, ou seja, no ambiente escolar integrando desde as crianças, pré-adolescentes aos adolescentes em todo o processo.

Na coletânea Educadores, produzida pelo Ministério da Educação (MEC), encontramos uma afirmação de Dewey (1910), que reflete os dias pandêmicos, vividos em 2020: todos nós aprendemos refletindo a partir das nossas experiências. Não obstante, a pandemia causada pela COVID-19, elucidou novos olhares aos modelos formativos educacionais, sobretudo, ao tradicional, que deverá “mesclar” ou ser “substituído” pelo hibridismo. Há os que ainda não concordam com essa substituição, mas 2020 foi o ano que concentrou todo o trabalho docente e demais amparado pelas TDIC e realizado através dos espaços permitidos pelo EH.

A valorização do espaço (AVA) para o conforto do aluno diante do hibridismo

Iniciamos com as falas dos alunos ressaltados durante o processo de observação direta no AVA, onde a disciplina foi desenvolvida. Quando perguntados no fórum: Aulas Não Presenciais, qual a sua opinião? Diversas respostas se evidenciaram, porém quatro foram bastante significativas, enfatizando a qualidade do espaço:

A universidade proporciona alguns espaços de estudo que facilitam na execução das atividades acadêmicas, como por exemplo a biblioteca. Fora que o ato de me deslocar de casa até a instituição faz uma desassociação entre o lar e a universidade. Me ajuda a não confundir os dois espaços, pois não tenho um espaço *home office*, nem em minha

casa há possibilidade de me isolar em um canto silencioso como a biblioteca (Participante 2, 2020).

Desconcentração no momento dos estudos, uma vez que não criamos uma rotina adequada. Além disso, a falta de espaço apropriado e o barulho em casa acaba interrompendo o desenvolvimento das atividades” (Participante 4, 2020).

Dificuldade em estabelecer uma rotina de estudo pelo fato do espaço e de que estudar da nossa casa nos faz se desconcentrar facilmente (Participante 7, 2020).

Dificuldade em manter concentração na hora das aulas, além do espaço inadequado, pois vários fatores podem causar fácil dispersão (Participante 10, 2020).

Os espaços educacionais, diante do momento pandêmico foi alterado. Passamos a estudar e trabalhar dentro de casa literalmente, e em grande maioria, alunos e professores na correria tiveram que adaptar/personalizar seus espaços para ministrar e assistir as aulas. No ensino superior, não foi diferente, a UFAL – SERTÃO lidou com essa modificação, além de outro problema constante, a falta de conectividade. Nossos alunos residem em zonas rurais, assentamentos, lugares que a internet é precária. Acostumados com o espaço da universidade, a reclamação contínua da falta dele se reflete em suas falas.

A inserção de aulas não presenciais de uma maneira acelerada, fez com que esquecêssemos de planejar contundentemente o espaço adequado a ser projetado para as aulas síncronas on-line. Vimos alunos assistirem aulas do quarto, da sala, da cozinha, do quintal, da casa do vizinho, além de professores projetarem as mesmas sem organização, sem planejamento, fatores que no hibridismo não favorecem o despertar para o aprendizado.

O espaço é importante para ajudar a atender todas as expectativas voltadas para a educação onde este deve estimular seja a criança, adolescente e/ou adulto, favorecendo o aprendizado. Ele deve ser compreendido aos seus olhos, como vivência e não como um projeto executado. Como colocou Guimarães (2000, p. 65), “o espaço é algo projetado, o lugar é construído nas relações. Portanto, o espaço e o lugar devem ser aliados, o espaço deve ser transformado para estimular aqueles que o veem como um lugar”.

O planejamento dentro desses espaços geralmente segue uma rotina, como exemplo é citada a pesquisa feita por Guimarães, o roteiro obedece à sequência cronológica da rotina, seguindo todos os passos que ocorrem ao longo do dia, de modo

que os estudantes se adaptam a ela. Essa adaptação/personalização acontece no EH quando seguem a sequência da exposição, adoção, adaptação, apropriação e inovação, pouco utilizada nas aulas síncronas do PLE, realizadas na UFAL - SERTÃO.

Em muitos casos, todas as atividades são realizadas em um único espaço, como no modelo presencial, todavia este deve ser atrativo e mutável para que em cada atividade seja adequada e que estimule de acordo com o momento. Assim, oferecer maior atenção às características sócio físicas dos ambientes e às relações entre os estudantes e o espaço escolar, agora convertido para o espaço escolar virtual, deve garantir oportunidades de contatos variados, tanto construídos pelo homem quanto naturais, é uma maneira de proporcionar aos alunos condições plenas de desenvolvimento, gerando a consciência de si e do entorno que são provenientes da riqueza experiencial (ELALI, 2003).

Nesse âmbito escolar, principalmente em seu início de aprendizagem, as cores para o melhor contorno do espaço são um recurso de suma significância. Se por um lado elas devem sustentar um clima acolhedor, por outro, elas não podem induzir ao comodismo ou a monotonia. A busca pelo equilíbrio tem de se pautar por composições pensadas especialmente para cada escolha e para cada uma de suas alocações.

Desse modo, as salas de aula e/ou as instituições educacionais como um todo, terão um tipo de orientação com configurações cromáticas diferentes para que leve ao caminho desejado, seja esse caminho em direção ao espaço presencial, ou ao espaço virtual onde os alunos estão passando boa parte do seu tempo.

Pensando a sala de aula para além do espaço físico, ou seja, o AVA/*Moodle* que se torna a principal área de interação e de orientações das aulas, inferimos a partir de Corsino (2003), que a educação e o espaço assumem posição de um lugar de socialização, de convivência, de trocas e interações, de afetos, de ampliação e inserção sociocultural, de constituição de identidades e de subjetividades. Destacamos ainda a partir do autor que é neste lugar que se partilham situações, experiências, culturas, rotinas, cerimônias institucionais, regras de convivência; estão sujeitas a tempos e espaços coletivos bem como a graus diferentes de restrições e controles dos adultos.

Em se tratando das condições e espaços que podem favorecer a aprendizagem, fazemos destaque que os materiais didático-pedagógicos utilizados devem estar alinhados e ajustados de maneira a proporcionar maior engajamento dos alunos e consequentemente o desenvolvimento da aprendizagem ativa como descrito por Moran (2017).

Destacamos que além do *AVA/Moodle* que foi utilizado como meio de interação e de partilha dos artigos científicos, leituras obrigatórias, complementares, slides de apresentação das sínteses dos conceitos e registro de avaliação foram utilizados também o *google meet* para a realização das interações síncronas e o dispositivo *whatsapp* para fins de esclarecimento de dúvidas, envio de informações importantes e comunicação rápida e eficaz, visto que, todos os alunos tinham mais facilidade de responder por este dispositivo.

Para este estudo foram consideradas as informações/experiências vivenciadas a partir da disciplina “Educação a distância, mídias e didática on-line”, com carga horária de 56h, que ficaram disponíveis no *AVA/Moodle* da UFAL - Campus do Sertão.

Dentre as diversas estratégias/metodologias utilizadas identificamos que a organização do espaço de estudo do aluno e o material de partilha de conteúdos quando bem ajustados com relação ao uso de sínteses, imagens e cores favoreceram maior engajamento e participação ativa do início ao fim dos horários das aulas síncronas, além de maior resultado quanto as leituras prévias dos materiais disponibilizados propiciando maior discussão conforme imagens abaixo:

Figura 02 – Slides aula PBL – Ensino no Século XXI



Fonte: Autoras da pesquisa

Na figura 2 podem ser visualizadas informações em formato de síntese, contendo tópicos de referências dos conceitos indicados para leituras prévias diretamente relacionado ao plano de ensino da disciplina. Destacamos que como a disciplina trata da Educação a distância, mídias e didática on-line, surgiu a partir da dúvida dos alunos para compreender inicialmente o que seria o EH e por esse motivo se tornou conceito discutido de maneira complementar ao plano de ensino previsto.

Figura 03 – Slides aula PBL – Passos para discussão do problema

Os sete passos para discussão do problema em grupo tutorial

1. Leitura do problema, identificação e esclarecimento de termos desconhecidos;
2. Identificação dos problemas propostos pelo enunciado;
3. Formulação de hipóteses explicativas para os problemas identificados no passo anterior (os alunos se utilizam nesta fase dos conhecimentos de que dispõem sobre o assunto);
4. Resumo das hipóteses;



Fonte: Autoras da pesquisa

A figura 3 sugere sete passos para a discussão do problema em grupo, destacamos que a as cores estão diferentes do slide anterior, porém está sendo mantido a organização estrutural adotada – síntese de conceitos e imagens.

Figura 04 – Slides aula PBL – Definindo Grupo para Resolver o Problema



Fonte: Autoras da pesquisa

Na figura 4 foi utilizado da roleta aleatória livre como uma organização interativa na qual os nomes dos alunos eram inseridos e na sequência era girada digitalmente para definir os grupos por alunos presentes na aula síncrona.

Figura 05 – Slides aula PBL – Problema 1 e 2

P1:

Analfabetismo

A taxa de analfabetismo no Brasil também surge como um dos obstáculos enfrentados pelo sistema educacional.

Esse número é medido pelo IBGE, por meio da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. O último balanço, em 2018, mostra que o analfabetismo no Brasil atinge 11,3 milhões de pessoas. Isto significa cerca de 6,8% da população acima de 15 anos sem saber ler e nem escrever.

Lembrando que o Plano Nacional de Educação (PNE) de 2015 tinha como meta reduzir drasticamente o número de analfabetos no País.

Mas as pesquisas indicam que, mesmo tendo caído a porcentagem, essa redução é bem lenta e os números permanecem altíssimos.

P2

Evasão escolar

Enquanto o início do Ensino Fundamental tem boa adesão, as demais fases da educação básica sofrem com a chamada evasão escolar. De acordo com o Anuário Brasileiro da Educação Básica 2020, citado no tópico anterior, cerca de 88.631 mil crianças e adolescentes entre seis e 14 anos de idade não estão matriculados em escolas.

Esse número é ainda maior quando falamos de jovens entre 15 e 17 anos, que deveriam estar estudando no Ensino Médio: 674.814 estão fora da escola. Todavia, a evasão escolar tem motivações muito mais complexas. As principais são:

- Baixa renda familiar
- Pais e responsáveis com pouca (ou nenhuma) escolaridade
- Domicílios em áreas rurais, isoladas ou de risco
- Trabalho infantil / informal
- Discriminação racial ou por gênero
- Atraso escolar maior que dois anos

Fonte: Autoras da pesquisa

A figura 5 apresenta os slides contendo o Problema 1 (P1) e o Problema 2 (P2) que após o sorteio dos grupos foram resolvidos pelos alunos em grupo de aplicativo de mensagem durante a aula síncrona. Esta estratégia foi utilizada por ser um facilitador para o gerenciamento dos debates sobre os problemas entre os grupos e ao mesmo permitiu que as professoras pudessem verificar a participação e interação dos alunos.

Nesse sentido, refletimos a partir de Farina (2006, p. 2) que, além das estratégias metodológicas, “as cores influenciam o ser humano e seus efeitos, tanto de caráter fisiológico como psicológico, intervêm na vida das pessoas criando alegria ou tristeza, [...], atividade ou passividade, [...] equilíbrio ou desequilíbrio, ordem ou desordem, etc.”. Assim percebemos a importância do estudo com uma rotina definida, alocado em um espaço adequado, podendo ser amparado pelas cores e a maneira que elas podem influenciar os seres humanos, sobretudo, em espaços de aprendizagem.

Considerações finais

Por ocasião da pandemia da COVID-19, muitos aspectos sociais, culturais, econômicos e educacionais foram alterados. O ambiente educacional foi um dos cenários de maiores alterações para conseguir efetivar a possibilidade de manter viva a necessidade das aulas em um “novo” formato.

Nessa perspectiva as aulas não presenciais tomaram força e espaço nas diferentes modalidades de ensino e segmentos educacionais, observamos que a partir da oferta do PLE foi possível experienciar metodologias e estratégias de ensino que tornaram o aluno centro de sua aprendizagem por meio do uso das tecnologias digitais e das metodologias ativas.

Destacamos como principais efeitos, e consequentemente resposta de nosso problema principal, que o engajamento e interação dos alunos nas aulas síncronas e nos momentos assíncronos, alcançam a participação ativa por meio da utilização dos materiais didáticos utilizados, elaborados a partir de uma estrutura personalizada, contendo imagens e adaptação das cores dos slides e materiais alcançando efetivamente um ambiente/espaço de estudo do aluno conforme considerado pelos Participantes 2, 4, 6, 7, 8, 9 e 10.

Nessa direção, o objetivo deste estudo foi efetivado quando apresentados os dados qualitativos triangulados entre as narrativas e os materiais utilizados como forma possível de propiciar o processo de aprendizagem em espaços de aulas não-físicos.

Logo, ao longo da confrontação teórica com os resultados e as falas dos alunos observados, um novo questionamento surgiu e levanta a possibilidade de pesquisa futura.

Em 2021, o EH será utilizado na educação, não mais para suprir a necessidade pandêmica, mas para assegurar a possibilidade e flexibilidade do ensino por meio das TDIC. Considerando essa perspectiva, as instituições de ensino deverão propor algumas ações para a melhoria da qualificação dos docentes e demais sujeitos do ambiente educacional, que poderão ser pensadas a partir das propostas relacionadas abaixo:

1. Garantir o acesso tecnológico aos alunos, bem como a inclusão digital;
2. Realizar periodicamente encontros virtuais com todos os envolvidos na instituição;
3. Inserir de maneira permanente os recursos tecnológicos disponibilizados pelas TDIC;
4. Continuar com o planejamento e realização de aulas on-line;
5. Construir a própria plataforma digital, assim como o material didático a ser disponibilizado;
6. Desenvolver um planejamento contínuo para a efetivação de formação para o uso de ambiente digital, tanto para alunos, professores e demais sujeitos da instituição de ensino.

Essas ações propagarão na docência um exercício de consciência sobre as possibilidades que o EH oferece como a personalização do ensino, a realização de uma didática trabalhada em espiral que pode acontecer em grupo, individualmente, que seja iniciada e encaminhada para além da sala de aula convencional a partir de uma intencionalidade pedagógica bem definida e esclarecida aos envolvidos. Relembremos autores que destacaram ao decorrer de todo o estudo que a ação, a prática e a teoria são o princípio do trabalho educativo pedagógico mais permanente. A formação é uma extensão significativa e (re)significativa dos docentes ao longo do aprendizado e a forma como produzimos o aprender.

Referências

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BROWN, Andre; CHRISPINO, Arthur. Cursos de férias (dois pontos) metodologias alternativas na formação continuada. **Revista do conhecimento e diversidade**. 7ª educação, 2017. Disponível em: <file:///home/chronos/u-203b2d2b96287b966a1340f26b61c3d1afb63a88/MyFiles/Downloads/3799-13057-1-PB.pdf> Acesso em: 28 de set 2019.

CORSINO, Patrícia. **O cotidiano na Educação Infantil**. Disponível em: <http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/175810Cotidiano.pdf>. Acesso em: 14 de fev 2019.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2001.

CHRISTENSEN, Clayton M.; HORN, Michael B.; STAKER, Heather. **Ensino Híbrido: uma Inovação Disruptiva: Uma introdução à teoria dos híbridos**. Mai 2013. Traduzido para o Português por Fundação Lemann e Instituto Península. Disponível em: https://s3.amazonaws.com/porvir/wp-content/uploads/2014/08/PT_Is-K-12-blended-learning-disruptive-Final.pdf Acesso em: 15 out 2019.

ELALI, G. A. **Espaços para a educação infantil: um quebra-cabeças?** Tese de doutorado não publicada. São Paulo, 2002. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16131/tde-10032010-141853/publico/Elali2002Volume01.pdf> Acesso em: 20 de nov 2020.

FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 4ª ed. São Paulo: Ed. Edgard Blücher, 1990.

FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. São Paulo: Edgard Blücher. 2006.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores**. São Paulo: Annablume. 2000.

HINE, C. **Virtual ethnography**. London: SAGE Publications, 1998. _____. **Virtual methods: issues in social research on the internet**. New York: Berg Publishers, 2005.

BACICH, Lílían; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Melo. (Orgs.) **Ensino Híbrido: Personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

MARTINS, Lilian Cassia Bicich. **Implicações da organização da atividade didática com o uso de tecnologias digitais na formação de conceitos em uma proposta de ensino híbrido**. Orientador: Maria Isabel da Silva Leme. 2016. Tese de Doutorado (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. f. 317. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-19092016-102157/publico/martins_do.pdf Acesso em: 2 out. 2019.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. Pesquisa qualitativa on-line utilizando a Etnografia virtual. **Revista Teias** v. 13 • n. 30 • 169-183 • set./dez. 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24276/17255> Acesso em 20 de fev 2020.

MORAN, J. M. **A EAD no Brasil: cenário atual e caminhos viáveis de mudança.** 2014. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/cenario.pdf> Acesso em: 15 abr. 2019.

MORAN, José. Metodologias ativas e modelos híbridos na educação. In: YAEGASHI, Solange e outros (Orgs). **Novas Tecnologias Digitais: Reflexões sobre mediação, aprendizagem e desenvolvimento.** Curitiba: CRV, 2017, p.23-35. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2018/03/Metodologias_Ativas.pdf Acesso em: 10 de out 2020.

PANDEMIA. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2020. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/pandemia>. Acesso em 29 de abr 2020.

SANTOS, V. L. P. dos. Costa, C. J. de S. A. (2018). Docência, formação e inovação: percursos interconectados na configuração do conhecimento pedagógico na educação superior. **ETD - Educação Temática Digital**, 20(1), 210-233. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/etd.v20i1.8649170> Acesso em: 28 de set 2020.

SAMPIERI, R. COLLADO, C. LUCIO, M. **Metodologia de Pesquisa.** Cidade: Porto Alegre. Editor: Penso. 2013 pp: 617.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. Conselho Universitário. **Resolução Nº. 34/2020-Consuni/UFAL, de 08 de setembro de 2020.** Dispõe sobre a implementação do Período Letivo Excepcional (PLE) para os cursos de graduação da Universidade Federal De Alagoas (UFAL), regulamenta Atividades Acadêmicas Não Presenciais (AANPs) durante a pandemia do novo Coronavírus (SARS-COV-2), e dá outras providências. Alagoas: Conselho Universitário, 2020. Disponível em: <https://ufal.br/ufal/periodo-letivo-excepcional/legislacao/resolucoes/rco-n-34-de-08-09-2020.pdf/view> Acesso em: 20 fev 2021.

VALENTE, José Armando. Blended learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 4/2014, p.79-97. Editora UFPR. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/nspe4/0101-4358-er-esp-04-00079.pdf> Acesso em 25 set 2019.

VIRGEM, Lígia Alvares Mata. **Aprendinsi: metodologia híbrida de ensino e aprendizagem baseada em problemas / projetos e escuta ativa para formação docente em educação profissional e tecnológica.** Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/22950/1/L%C3%ADgia%20Alvares%20Mata%20Virgem.pdf> Acesso em: 10 set 2019.

Enviado em: 30/12/2020.

Aceito em: 19/03/2021.

Publicado em: 10/06/2021.